



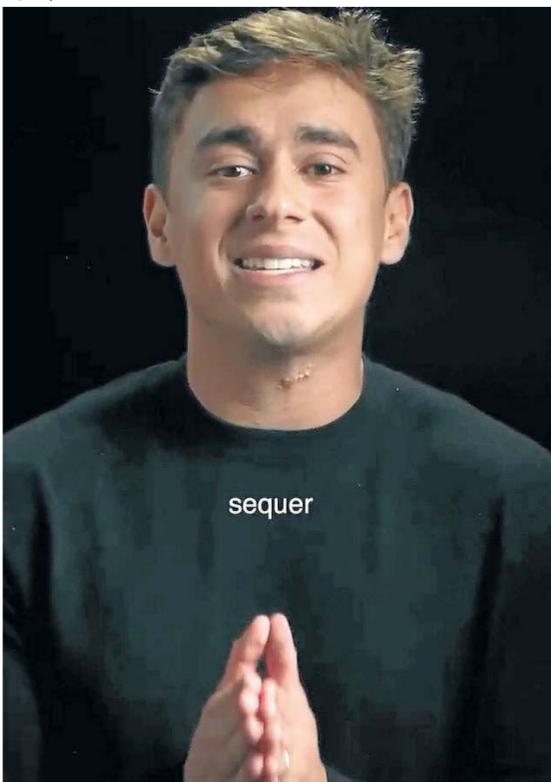
## PODER

# Planalto nas cordas ante nova ofensiva pelas redes

Governo tenta reação após vídeo do bolsonarista Nikolas Ferreira sobre fraude no INSS atingir quase 100 milhões de visualizações

» VICTOR CORREIA  
» ISRAEL MEDEIROS  
» IAGO MAC CORD\*

Reprodução/Redes Sociais



Nikolas: "O maior escândalo de corrupção da história do país"

O sucesso do vídeo do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) com críticas ao governo Lula pelo escândalo bilionário do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) escancarou uma nova crise de comunicação no Executivo. A postagem viralizou e, até ontem à noite, registrava 96 milhões de visualizações.

No vídeo, Nikolas diz que os desvios configuram "o maior escândalo de corrupção da história do país". Ele acusa o governo de omissão ante o esquema e alega ligações de suspeitos com o Palácio do Planalto. Pede, ainda, apoio para a criação da chamada CPI do roubo dos aposentados, que, apesar de já contar com as assinaturas necessárias, não tem data para ser instalada na Câmara.

O governo tem se movimentado nos bastidores e nas redes sociais para tentar se contrapor às acusações de que o esquema de corrupção correu solto debaixo do nariz de Carlos Lupi, então ministro da Previdência, com a participação ou a conivência do Planalto. O temor, agora, é de que o vídeo repita o sucesso que ajudou a potencializar, em janeiro, a queda de popularidade do governo por causa da crise do Pix (**leia Memória**).

Na época, uma medida da Receita Federal para coibir fraudes no sistema de transferências foi distorcida por bolsonaristas nas redes sociais, o que provocou uma onda de desinformação, enquanto o Executivo fazia uma transição na Secretaria de Comunicação Social, com a saída de Paulo Pimenta e a chegada de Sidônio Palmeira.

Agora, os números expressivos do escândalo também pesam contra o governo. Primeiro, porque

houve um aumento expressivo dos descontos na atual gestão. O valor total subiu de R\$ 536,3 milhões em 2021 e R\$ 706,2 milhões e 2022 para R\$ 1,3 bilhão em 2023, já sob Lula, e R\$ 2,6 bilhões em 2024. Não há, ainda, informações claras por parte do Executivo sobre como se dará o programa de ressarcimento das vítimas.

A demora na resposta do Planalto também deixou a oposição à vontade para explorar o assunto. Depois que o esquema veio a

público, Lupi admitiu que sabia das fraudes desde 2023. O que aconteceu em seguida foi uma semana de ruído político que desgastou a imagem da gestão Lula.

O Planalto ainda não lançou nenhum vídeo ou campanha nas redes sociais para rebater as falas de Nikolas. A resposta coube à ministra da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), Gleisi Hoffmann, que se manifestou ontem. Ela repetiu a cartilha que o governo tem seguido desde que

## Memória

### Vídeo sobre Pix

Em janeiro, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) publicou um vídeo, que viralizou, sobre as mudanças no Pix. Ele criticava a portaria da Receita Federal que ampliaria o monitoramento de transações. Na ocasião, a gravação alcançou mais de 300 milhões de visualizações e precipitou a revogação da norma.

Petistas avaliaram, na época, que o deputado saiu como

"herói" da história. Na ocasião, o parlamentar ganhou três milhões de seguidores, ultrapassando o presidente Lula e se tornando o segundo político mais seguido do Brasil.

Com o sucesso do primeiro vídeo, o deputado repetiu o formato e lançou mais uma gravação com o mesmo modelo, no início de abril, em que sai em defesa da anistia aos condenados pela quebra de breche de 8 de janeiro.

o esquema estourou: culpou o governo Bolsonaro, argumentou que as investigações só ocorreram porque a gestão Lula permitiu e questionou a versão do deputado mineiro sobre o assunto. "Foi no governo Bolsonaro que quadrilhas criaram entidades fantasmas para roubar os aposentados, sem que nada fosse feito para investigá-las ou coibir sua ação no INSS. A maior parte das associações investigadas passou a atuar no governo Bolsonaro", declarou a ministra.

Gleisi apontou, também, uma inconsistência na fala de Nikolas, que em seu vídeo argumentou que o governo anterior editou uma medida provisória (MP) para coibir as fraudes. À época, o texto exigia a autorização individual para a realização dos descontos no INSS, com reavaliação periódica dos descontos. Segundo a ministra, no entanto, um projeto de lei aprovado pelo Congresso e sancionado por Bolsonaro retirou de vez a exigência de reavaliação. "Não foi uma 'coisa da esquerda', como estão mentindo agora", enfatizou Gleisi.

A chefe da SRI afirmou que o governo trabalha para responsabilizar as entidades suspeitas. Ela assegurou que os valores serão devolvidos às vítimas, e ressaltou eventualmente à União por todos os envolvidos no crime.

"É com o aprofundamento das investigações, que já estão sendo feitas pela Polícia Federal e pela CGU, que vamos encontrar as origens e os responsáveis por esse ataque aos aposentados. O momento exige medidas sérias e mudanças profundas, como o governo está fazendo. Exige a busca da verdade, não as mentiras oportunistas de quem não investigou nada e nunca se preocupou em proteger os aposentados", escreveu Gleisi.

O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias, por sua vez, foi às redes sociais para responder o vídeo de Nikolas. "Quem desdobrou esse esquema foi uma investigação que começou no governo do presidente Lula. Isso jamais acontecerá no governo anterior", disse Lindbergh.

\*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa

## Dossiê contra Bolsonaro

» RAFAELA GONÇALVES  
» FERNANDA STRICKLAND

Líderes governistas preparam um dossiê ligando o governo Bolsonaro às fraudes no INSS. A informação, confirmada pelo **Correio**, é de que documentos conectam assessores da gestão anterior da Secretaria de Previdência Social à criação de associações que estão sob investigação da Polícia Federal.

Aliados do governo estão juntando documentos que indicam que, entre 2021 e 2022, associações deixaram de validar descontos no sistema previdenciário. A verificação dos dados só teria sido retomada em 2023, o que acabou mantendo e intensificando as fraudes.

O dossiê conta com um organograma que tem como centro o lobista Antonio Carlos Camilo Antunes, chamado de "careca do INSS", conectando-o a assessores do governo Bolsonaro da Secretaria da Previdência.

A PF encontrou cadernos com anotações manuscritas que sugerem o pagamento de propina a antigos integrantes da cúpula do instituto. As apreensões foram realizadas em uma empresa de Antunes. Os investigadores acreditam ser uma planilha do pagamento de propinas e que grande parte das associações criadas na gestão anterior é fantasmas.

O documento mostra, ainda, que entidades como a Ambec (Associação dos Aposentados Mutualistas para Benefícios Coletivos) começaram pequenas, mas cresceram rápido. A empresa, que está na mira da PF, nega qualquer irregularidade.

## NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

# Moscou não crê em lágrimas, 80 anos após derrota do nazismo

O escritor judeu-russo Ilya Ehrenburg Grigoryevich era um veterano jornalista quando acompanhou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a experiência de repórter que cobriu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Amigo de Jorge Amado e Pablo Neruda, teve várias obras traduzidas no Brasil, entre elas, *A queda de Paris*, que descreve a ocupação da França pelos alemães, e *Moscou não crê em lágrimas*. Ehrenburg foi o primeiro escritor a denunciar os números do Holocausto, no *Livro negro*, com relatos de judeus sobreviventes da Polônia e da antiga União Soviética sobre os campos de concentração.

Com o fim da guerra, porém, foi muito criticado porque tratou todos os alemães como "boches" durante a guerra, não distinguia um agente da Gestapo do adolescente mandado para a frente de batalha como bucha de canhão:

"Vamos matar. Se você não tiver matado pelo menos um alemão um dia, você teve desperdiçado aquele dia... Não conte dias; não conte milhas. Conte apenas o número de alemães que você matou...". chegou a dizer, num artigo intitulado *Morte aos alemães*. O exército de Hitler foi parado às portas de Moscou e, depois, derrotado na sangrenta batalha de Stalingrado, que marcou o início da derrocada militar do líder nazista. Morreram na guerra 20 milhões de soviéticos.

Mais tarde, para se defender, Ehrenburg lembrou um artigo de 1942, quanto Stalingrado ainda estava sob cerco alemão, no qual advogava a benevolência com os prisioneiros. Em 2 de fevereiro de 1943, 91 mil homens esfoameados, doentes e exaustos foram feitos prisioneiros, entre eles, 22 generais do 6º Exército, depois da rendição do marechal alemão Von Paulus. Essa lógica

do "nós contra eles" também teve seus ecos por aqui, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, depois de um longo namoro do presidente Getúlio Vargas com o Eixo (Alemanha-Itália-Japão), nos primeiros anos do Estado Novo (1937-1945). Em 1942, quando navios brasileiros foram afundados por submarinos alemães no Oceano Atlântico, Vargas fez um acordo com o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, e o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética, entre outros).

## Proximidade tóxica

Alemães, italianos e japoneses e seus descendentes no Brasil passaram a ser imediatamente perseguidos. Clubes foram fechados ou obrigados a mudar de nome, caso do Palmeiras, antigo Palestra

Itália, e do Yacht Club Santo Amaro, antigo Clube Alemão de Vela, em São Paulo. Até bares e restaurantes foram obrigados a mudar de nome, como o Bar Luiz, no Rio de Janeiro, que se chamava Bar Adolph. Os suspeitos de pertencerem ao Partido Nazista ou à Juventude Hitlerista eram mantidos sob vigilância ou confinados em campos de concentração.

Houve pelo menos nove: Tomé -Açu, no Pará (alemães e japoneses); Chá de Estevão, em Pernambuco (empregados alemães da antiga Cia Paulista de Tecidos, hoje Pernambuco); Ilha das Flores, no Rio de Janeiro (onde prisioneiros de guerra foram misturados com presos comuns); Pouso Alegre, em Minas Gerais (marinheiros do navio Anneleise Essberger); Ilha Anchieta (colonos japoneses); Guaratinguetá e Pindamonhangaba (fazendas onde foram confinados colonos alemães e marinheiros do navio Windhuk);

Penitenciária Agrícola da Trindade, em Florianópolis; e Presídio Político Oscar Schneider, em Joinville (onde um hospital foi transformado em colônia penal para suspeitos de atividades nazistas do Sul do país), em Santa Catarina.

Os países do Ocidente, principalmente Estados Unidos, Inglaterra e França, mas também o Brasil, comemoram o Dia da Vitória contra o nazifascismo nesta quinta-feira, porém, devido à diferença de fuso horário, os russos o fazem somente amanhã. A rendição incondicional da Alemanha nazista foi assinada no fim da noite de 8 de maio de 1945 (23h01, horário da Europa Ocidental) e entrou em vigor nesse horário. Em Moscou, já era o dia 9 quando a rendição foi assinada. O Exército Vermelho já havia tomado Berlim em 2 de maio.

O Dia da Vitória é um feriado muito importante na Rússia, comemorado com desfiles militares na Praça Vermelha e outros eventos patrióticos. O presidente russo, Vladimir Putin, atualmente, usa essa data para enviar mensagens e reforçar a narrativa russa sobre a Guerra Patriótica. Desde 2014, com a ocupação da Crimeia, as celebrações são usadas para legitimar as intervenções na Ucrânia, que culminaram na guerra atual.

Por isso mesmo, são boicotadas pelas democracias do Ocidente.

O presidente Lula chegou ontem a Moscou para assistir às comemorações dos 80 anos da derrota dos nazistas. No palanque da Praça Vermelha, estará ao lado dos líderes da China, Xi Jinping; da Venezuela, Nicolás Maduro; de Cuba, Miguel Díaz-Canel; de representantes de ex-repúblicas soviéticas e de países africanos que mantêm relações próximas com a Rússia. Do ponto de vista econômico, a Rússia é uma grande fornecedora de fertilizantes para o nosso agronegócio e compra carne, soja, café, açúcar e frutas do Brasil.

A relação do Brasil com a Rússia é uma parceira estratégica nos Brics, cuja importância aumenta com a nova política tarifária do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Por isso mesmo, a visita oficial de Lula segue a tradicional linha de independência da política externa brasileira, mas ocorre num contexto muito diferente de outras ocasiões, por causa da guerra da Ucrânia. No Brasil e na Europa, a aproximação de Lula com Putin é tóxica para a opinião pública e demais chancelarias, porque ultrapassa a linha divisória da centralidade política da democracia.